

## A relação entre o neotomismo e o tomismo analítico

Prof. Dr. Ivanaldo Oliveira dos Santos<sup>1</sup>

### Resumo

O objetivo deste artigo é estudar a relação existente entre o neotomismo e o tomismo analítico. Inicialmente, é realizado um debate com Pouivet, o qual realiza uma distinção entre neotomismo e tomismo analítico. Depois é apresentada a continuidade entre essas duas expressões do tomismo. Por fim, afirma-se que o tomismo analítico está integrado dentro do neotomismo. Ele representa a continuidade da tradição neotomista no século XXI.

**Palavras-chave:** neotomismo, tomismo analítico e tradição.

### Relation between neothomism and the analytical thomism

### Abstract

This Paper aims at studying relation between neothomism and analytical thomism. Initially, one carries out a debate with Pouivet who makes a distinction between neothomism and analytical thomism. Afterwards one presents continuity throughout these Thomism two expressions. Finally, one claims analytical thomism is integrated within, into neothomism. It presents analytical thomism tradition continuity, in the twenty-first century.

**Key words:** Neotomism. Analytical Thomism, Tadition.

### Introdução

Segundo Araújo, Tomás, “um frade italiano do século 13, está virando, cada vez mais, para uma série de filósofos contemporâneos, objeto de reflexão e estudo” (*Diário do Povo*, 13/04/1997). O frade a que Araújo se refere é Tomás de Aquino (1225-1274), um filósofo do século XIII, que desenvolveu uma das mais sofisticadas estruturas de argumentação e de pensamento. O Ocidente não seria o mesmo sem Tomás de Aquino. Ao longo dos séculos, os seguidores de Tomás, conhecidos como *tomistas*<sup>2</sup>, procuraram criticar e também dialogar com uma grande variedade de correntes de pensamento filosófico. Um desses diálogos está sendo travado atualmente. Trata-se do *tomismo analítico*.

Aproximadamente, desde a década de 1960, vem-se desenvolvendo um frutífero diálogo entre o tomismo e a filosofia analítica. Sobre esse diálogo, Berti (2009) afirma:

Entre os distintos aspectos que tem assumido o diálogo entre o pensamento de Santo Tomás e o pensamento contemporâneo, parece que o chamado “tomismo analítico” é um dos mais interessantes, porque confronta a filosofia de Tomás com uma das correntes de pensamento filosófico atual (BERTI, 2009, p. 495).

Como esclarece Van Acker (1983, p. 48), a filosofia analítica é uma das grandes correntes filosóficas do pensamento contemporâneo, e o tomismo, o qual está “sempre pronto a dialogar com outras correntes filosóficas” (ANDRADE, 1985, p. 328), tem realizado um diálogo com essa corrente. De acordo com Michelleti (2009, p. 9) e Berti (2009, p. 495), esse diálogo tornou-se mais intenso a partir de 1992, quando John Haldane proferiu uma série de conferências, cujo título era *tomismo analítico*, na Universidade de Notre Dame, em Indiana nos EUA. A intenção de John Haldane é que o tomismo analítico seja um canal de diálogo entre tradições filosóficas diferentes, no qual as ideias elaboradas pela tradição tomista possam realizar uma interface com o método oriundo da tradição analítica.

Entretanto, em grande medida, devido ao caráter de novidade que o diálogo que se estabeleceu entre o tomismo e a filosofia analítica, gerando o tomismo analítico, há uma série de questões, envolvendo esse diálogo, que estão em aberto. Por exemplo: ainda não há uma definição sobre o método adequado a ser empregado pelos tomistas analíticos em suas pesquisas e, por conseguinte, quais os objetos de estudo podem ser debatidos a partir desse método. Outra questão em aberto é a relação entre o neotomismo e o tomismo analítico.

Essa questão foi problematizada por Pouivet, quando afirmou que o “tomismo analítico [é] bastante diferente do neotomismo de inspiração eclesial do fim do século XIX e dos trabalhos de Étienne Gilson e Jacques Maritain” (2003, p. 226). Apesar de Pouivet ter limitado seu argumento ao neotomismo do século XIX, o fato de ele

ter citado Gilson e Maritain, filósofos do século XX e dois dos maiores nomes do neotomismo, terminou criando um certo antagonismo entre o neotomismo, em sua totalidade, e o tomismo analítico. Na perspectiva de Pouivet, o neotomismo seria um movimento eclesial preocupado com problemas internos da Igreja, enquanto o tomismo analítico seria um movimento leigo, preocupado com problemas contemporâneos, e, muitas vezes, fora do raio de influência da Igreja.

É alicerçado na problemática desenvolvida por Pouivet (2003). Assim, o objetivo deste artigo é estudar a relação existente entre o neotomismo e o tomismo analítico. Para tanto, ele foi dividido em duas partes, sendo elas: 1) Neotomismo e tomismo analítico: um debate com Pouivet e 2) A relação entre o neotomismo e o tomismo analítico.

## **1 Neotomismo e tomismo analítico: um debate com Pouivet**

A distinção que Pouivet (2003) faz entre neotomismo e tomismo analítico apareceu na pequena introdução do número 225 da *Revue Internationale de Philosophie* [Revista Internacional de Filosofia]. Nesse número, a *Revue Internationale de Philosophie* discutiu a relação entre o tomismo e a filosofia contemporânea, especificamente na ótica do tomismo analítico. Essa introdução trata de um texto pequeno, o qual apresenta, de forma geral, os artigos que compõem o citado número da revista. Portanto, não é uma discussão que verse diretamente sobre a relação entre neotomismo e tomismo analítico. Apesar disso, o fato de Pouivet ter feito uma severa distinção entre o neotomismo e o tomismo analítico provocou debates dentro e fora do tomismo.

A intenção deste artigo não é esgotar a polêmica levantada por Pouivet, mas contribuir para o esclarecimento da dela. Por esse motivo, serão desenvolvidos sete argumentos sobre essa polêmica.

O primeiro argumento é que Pouivet parece se aproximar radicalmente de preconceitos difundidos, de forma mais ampla, dentro das ciências humanas e, de forma mais específica, dentro da filosofia. Esses preconceitos afirmam, por exemplo, que Tomás de Aquino é um filósofo preso à Idade Média e, por conseguinte, ele não pode contri-

buir com a filosofia contemporânea. Esse tipo de preconceito não leva em conta toda a contribuição que o Aquinate deu ao desenvolvimento da filosofia nos séculos XIX e XX.

O segundo é que ele também se aproxima de outra forma de preconceito, ou seja, a tentativa que atualmente existe dentro de alguns centros universitários do Ocidente de limitar o neotomismo ao século XIX e, talvez, com muita dificuldade, chegar até o século XX. A partir dessa perspectiva, não é possível se pensar em um neotomismo no século XXI. O problema é que essa perspectiva não leva em conta toda a rica produção filosófica do neotomismo no século XX e também as possibilidades de reflexão que essa corrente de pensamento conduziu até o século XXI.

O terceiro argumento é que a perspectiva adotada por Pouivet se aproxima do positivismo e do secularismo reinantes nos séculos XIX e XX. Perspectiva que, muitas vezes, nega ao tomismo qualquer possibilidade ou direito de participar dos debates filosóficos. Por essa perspectiva o tomismo deveria limitar-se aos livros de história da filosofia medieval. É preciso recordar que, assim como existe o fanatismo religioso, também existe o fanatismo secular, o qual tenta negar à Igreja Católica e a qualquer outra religião o direito de participar dos debates públicos, incluindo as querelas filosóficas. Como o tomismo é a filosofia oficial da Igreja, ele passa a ser visto pelo fanatismo secular como sendo uma corrente filosófica indigna de participação dentro da filosofia contemporânea. Essa postura é incompatível com a tradição de livre debate herdada de Sócrates, Platão e de outros grandes nomes da filosofia antiga.

O quarto é que, para Pouivet, o neotomismo seria, em sua essência, um movimento filosófico, nascido da vontade do Papa Leão XIII, por meio da encíclica *Aeterni Patris*, que basicamente refletiu questões filosóficas ligadas a Igreja. Por esse motivo, ele seria um movimento essencialmente eclesial.

O problema é que Pouivet parece desconhecer toda a rica discussão filosófica realizada pelo neotomismo. Essa corrente do pensamento filosófico contemporâneo não se limitou a discutir questões que se referem diretamente à ação da Igreja como, por exemplo, a existência de Deus, a alma e o destino final dos homens. Em grande

medida, o neotomismo, de um lado, reagiu ao “racionalismo de origem iluminista, ao imanentismo idealista e ao materialismo positivista” (REALE; ANTISERI, 2001, p. 766) e, de outro lado, realizou uma importante reflexão em áreas como: ética, direitos humanos, psicologia e a função social do Estado. É por esse motivo que é preciso afirmar, ao contrário de Pouivet, que o neotomismo “abarca horizontes tão amplos, que não pertence menos à época atual que quaisquer outros pensadores” (HIRSCHBERGER, 1963, p. 136).

No quinto argumento, parece que Pouivet padece da síndrome denominada por Hirschberger de “novidade a todo custo” (1963, p. 127), ou seja, quando filósofos ou correntes do pensamento filosófico desejam, de forma ingênua, encontrar algo absolutamente novo. Nessa ânsia pelo novo, não se olha para o passado em busca das raízes dos debates filosóficos. Pouivet está em busca de um tomismo absolutamente novo, desvinculado da história da filosofia e também do próprio tomismo. É preciso recordar que a essência do tomismo analítico, ou seja, o debate com correntes de pensamento atual e a discussão de problemas que angustiam o homem contemporâneo, foi posta e até mesmo desenvolvida pelo neotomismo.

O sexto é o fato de Pouivet criar uma certa ilusão, ou seja, a ilusão que o neotomismo seria uma corrente filosófica clerical, formada por padres e religiosos, e que o tomismo analítico seria uma corrente formada por leigos. Há um certo antagonismo no argumento de Pouivet entre neotomismo, formado por padres e religiosos, e o tomismo analítico, formado por leigos. O problema é que, dentro do neotomismo, sempre houve muitos leigos. Inclusive dois dos grandes nomes do neotomismo, citados até mesmo pelo próprio Pouivet; ou seja, Étienne Gilson e Jacques Maritain eram leigos. Além disso, dentro do tomismo analítico, não existem apenas leigos, mas também padres. Muitos padres realizam pesquisas a partir e dentro das exigências filosóficas do tomismo analítico. É o caso, por exemplo, dos padres Fergus Gordon Kerr, Mauricio Beuchot e I. M. Bochenski. O fato é que a discussão de Pouivet não se sustenta.

O sétimo e último argumento é que entre os pensadores neotomistas há uma discussão muito próxima e até mesmo semelhante à discussão travada pelo tomismo analítico. Temas importantes para

os tomistas analíticos como, por exemplo, a lógica, a linguagem e o método, são debatidos por pensadores neotomistas como, por exemplo, Jacques Maritain. Sobre essa questão são importantes as palavras de Beuchot (2010):

Não creio que o neotomismo e o tomismo analítico sejam dois movimentos distintos dentro da grande corrente do *tomismo*, mas complementares. Muitas vezes os neotomistas, por exemplo Maritain, desenvolveram a lógica matemática. Creio que são bem mais complementares: aprofundar a dimensão histórica, como Maritain, Gilson e outros, e aludir à utilização do método analítico para temas atuais, da forma como faz Peter Geach (BEUCHOT, 1010, p. 2).

Para Beuchot, o neotomismo e o tomismo analítico não são antagonísticos como deseja Pouivet, mas complementares. De um lado, ambos estão inseridos dentro do tomismo e, por conseguinte, imersos na preocupação de apresentar para a sociedade moderna a “atualidade de Tomás de Aquino” (ROVICH, 2001, p. 650). Do outro lado, ambos se utilizam do instrumental argumentativo da filosofia contemporânea para desenvolver um salutar debate entre as ideias do Aquinate e os problemas filosóficos atuais.

## 2 A relação entre o neotomismo e o tomismo analítico

É preciso enfatizar que o neotomismo é um amplo movimento filosófico, proposto pela Igreja Católica, que tem por objetivo apresentar, de um lado, a atualidade de Tomás de Aquino (*Philosophi Perennis*) e, de outro lado, dialogar com a sociedade contemporânea. Esse diálogo é mediado pelo pensamento do Aquinate.

No final do século XIX e, principalmente, ao longo do século XX, o neotomismo foi muito forte “dentro das escolas, universidades, seminários e demais centros de estudos católicos” (VERGOTE, 2002, p. 52), mas também esteve presente em centros de estudos leigos e seculares. Em vários países o neotomismo teve um papel decisivo na efetivação do debate filosófico. Entre esses países, cita, por exemplo,

o México (BEUCHOT, 2004; ROBLES, 1946), a Itália (VIA, 1923), os EUA (VALBUENA, 1955), a Colômbia (ANDRADE, 1985) e o Brasil (CAMPOS, 1968; ZILLES, 1987).

Para Ramos (2008, p. 84), o neotomismo foi importante para a Igreja e para a sociedade do século XX. Todavia, essa importância não fica presa nesse século. O século XXI também deverá ser um século guiado pela reflexão filosófica neotomista. Em grande medida, isso acontecerá porque o século XXI herdou as preocupações e angústia do século XX. Entre essas preocupações, cita-se: o individualismo, a crise da democracia, os diversos problemas científicos e os novos-velhos problemas filosóficos, como a linguagem e o método. O século XXI necessita da “tranqüilidade e do realismo sóbrio” (HIRSCHBERGER, 1963, p. 127) presente em Tomás de Aquino.

Nesse sentido, qual é a relação entre neotomismo e tomismo analítico? Ou então, como se situa o tomismo analítico dentro do neotomismo?

Para tentar responder a essas questões, é preciso, inicialmente, fazer uma breve e sucinta reflexão histórica do neotomismo.

Para estudiosos como, por exemplo, Hirschberger (1963, p. 131-132) e Campos (1989, p. 29), é possível dividir a história do neotomismo em quatro fases, sendo elas:

- 1º) Fase preliminar (1736-1879). Trata-se dos antecedentes e de todo o movimento filosófico que culminou com o surgimento do neotomismo<sup>3</sup>. Esse movimento teve sua inauguração oficial com a publicação da encíclica *Aeterni Patris* do Papa Leão XIII, no dia 04 de agosto de 1879.
- 2º) Fase Tradicional (1879-1918). Essa fase é marcada por um grande esforço em comentar a obra de Tomás de Aquino, especialmente a *Suma teológica*, e de rejeitar a filosofia moderna.
- 3º) Fase de Transição (1918-1945). Trata-se de uma fase dentro do neotomismo que coincidiu com grandes e delicados problemas vividos pelo Ocidente no século XX. Entre esses problemas, cita-se: a grande depressão econômica da década de 1930, os regimes totalitaristas

implantados em países como Alemanha, Itália e Rússia e a segunda guerra mundial (1939-1945). Essa fase é marcada por uma postura tradicional, ou seja, um prudente zelo em torno da obra de Tomás de Aquino. Essa prudência manifestava-se por meio dos comentários à obra do Aquinate. Todavia, nessa fase, já se encontra um diálogo do neotomismo com o pensamento filosófico moderno e contemporâneo.

- 4º) Fase contemporânea ou progressista (1945 até os dias atuais). Nessa fase, continua a existir a prudência em torno da obra do Aquinate. Uma grande preocupação do neotomismo é a real interpretação do pensamento de Tomás de Aquino. Todavia, nesta fase também há uma abertura para o pensamento filosófico moderno e contemporâneo. Procurando, com isso, integrar o tomismo dentro dos debates filosóficos atuais. É preciso esclarecer que essa integração não representa uma negação das teses centrais do tomismo. Pelo contrário, mantendo sua identidade filosófica, o neotomismo procurou dialogar e até mesmo criticar as correntes filosóficas contemporâneas.

É justamente na fase contemporânea que surgiu, dentro do neotomismo, “várias formas de pensar tomista, de diferentes correntes e tendências, que subsistem inseridas no contexto do tomismo contemporâneo e que guardam, entre si, a identidade de uma mesma fonte inspiradora” (CAMPOS, 1989, p. 55), ou seja, Tomás de Aquino. Entre essas correntes e tendências dentro do neotomismo, é possível citar: o tomismo heideggeriano, o tomismo fenomenológico, o tomismo existencial e o tomismo lógico.

Partindo do pressuposto de que o neotomismo, a partir de 1945, desenvolveu várias correntes e tendências, sem, no entanto, afastar-se da sua fonte original, ou seja, Tomás de Aquino, vislumbra-se a relação entre o neotomismo e o tomismo analítico por meio de duas possibilidades.

A primeira possibilidade seria o surgimento de uma nova fase dentro do neotomismo. O tomismo analítico seria uma quinta fase den-

tro dessa corrente filosófica. Quando John Haldane proferiu a série de conferências, em 1992, cujo título era *tomismo analítico*, na Universidade de Notre Dame, em Indiana, nos EUA, ele teria iniciado uma nova fase dentro do neotomismo. Uma fase marcada pela preocupação, entre outras coisas, com a lógica, com a linguagem, com o método, com a ciência e suas consequências para o ser humano. Nesse sentido, o final do século XX e início do XXI estariam experimentando uma quinta fase dentro do neotomismo. Essa possibilidade parece ser um tanto quando radical. A segunda possibilidade parecer ser mais realista e mais próxima dos objetivos do neotomismo.

A segunda possibilidade é o tomismo analítico ser mais uma das correntes existentes e desenvolvidas dentro da quarta fase do neotomismo. Assim como se fala, por exemplo, em tomismo heideggeriano e tomismo fenomenológico, também se pode falar em tomismo analítico.

Além disso, é preciso ter consciência de que o tomismo analítico não é a única expressão filosófica dentro do tomismo, que surgiu no final do século XX e que está desenvolvendo-se no início do XXI. Nesse mesmo período histórico, surgiu o chamado *tomismo pós-moderno I*, representado, em grande medida, pela pesquisa de Alasdair MacIntyre (HIBBS, 1993).

Tanto o tomismo analítico como o tomismo pós-moderno são expressões do neotomismo, que demonstram a grande capacidade que o tomismo possui, de um lado, de apresentar a perenidade das ideias de Tomás de Aquino e, de outro lado, de dialogar com as estruturas do pensamento contemporâneo.

Por fim, afirma-se que Pouivet está equivocado ao tentar separar o neotomismo do tomismo analítico. O tomismo analítico é um dos felizes frutos do neotomismo. Ambos estão inseparavelmente ligados. De um lado, foram as pesquisas desenvolvidas pelos neotomistas e, ao mesmo tempo, sua insistência em demonstrar a atualidade de Tomás de Aquino que proporcionaram o surgimento do tomismo analítico. Do outro lado, o tomismo analítico está integrado dentro do neotomismo. Ele representa a continuidade da tradição neotomista no século XXI.

## Notas

- <sup>1</sup> Professor da UERN.
- <sup>2</sup> Sobre o significado e uso da expressão *tomista* aconselha-se a consultar: Faitanin (2010; 2006) e Berger (2008).
- <sup>3</sup> Sobre as origens do neotomismo recomenda-se consultar: DEZZA (1940), LOBATO e BARQUILLA (2004).

## Referências

- ANDRADE, Carlos Valderrama. El movimiento neotomista. **Thesaurus**, Colômbia, Tomo XL, n. 2, 1985, p. 328-348.
- ARAÚJO, Artur. O santo filósofo contra o dragão da razão cega. **Diário do Povo**, 13/04/1997.
- BERGER, David. Interpretações do Tomismo através da história. **Aquinate**, n. 6, 2008, p. 45-60.
- BERTI, Enrico. Il “tomismo analítico” e il dibattito sull’Esse ipsum. *In*: BERTI, Enrico. **Nuovi studi aristotelici: L’influenza di Aristotele**. Brescia: Morcelliana, 2009. Vol. IV/2.
- BEUCHOT, Mauricio. **El tomismo en el México del siglo XX**. México: UNAM-UIA, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Tomismo analítico**. Entrevista concedida à Iveraldo Santos. Mossoró: UERN, 2010.
- CAMPOS, Fernando Arruda. **Tomismo e neotomismo no Brasil**. São Paulo: Grijalbo, 1968.
- \_\_\_\_\_. **Tomismo hoje**. São Paulo: Loyola, 1989.
- DEZZA, Paolo. **Alle origini del neotomismo**. Milano: Fratelli Bocca, 1940.
- FAITANIN, Paulo. A filosofia tomista. **Aquinate**, n. 3, 2006, p. 133-146.

\_\_\_\_\_. O que é tomismo? *In: Instituto Aquinate*. Disponível em <http://www.aquinate.net/portal/Tomismo/Tomismo-significado/tomismo-significado3edicao.htm>. Acessado em 16/03/2010.

HIBBS, T. S. MacIntyre's Postmodern Thomism. **The Thomist**, n. 57, 1993, p. 277-287.

HIRSCHBERGER, Johannes. **História da filosofia contemporânea**. São Paulo: Herder, 1963.

LOBATO, Abelardo. León XIII y el neotomismo. *In: BARQUILLA, José Barrado; GARCIA, Angel Galindo (Coord.). León XIII y su tiempo*. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, Servicio de Publicaciones, 2004.

MARIO, Micheletti. **Tomismo analítico**. Aparecida: Idéias & Letras, 2009.

POUIVET, R. Introduction. **Revue Internationale de Philosophie**, vol. LVII, n. 225, 2003, p. 226-227.

RAMOS, Nestor Alejandro. **El futuro de la Iglesia**. 10. ed. Mar del Plata: Universidad FASTA, 2008.

REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. **História da filosofia**. São Paulo: Paulus, 1991. vol. III.

ROBLES, O. El movimiento filosófico neo-escolástico en México. **Filosofía y Letras**, n. 23, 1946.

ROVICH, Sofia Vanni. **História da filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 2001.

SCIACCA, M. F. **Las grandes corrientes del pensamiento contemporáneo**. Madrid: 1959.

VALBUENA, O. P. Actualidad de la filosofía escolástico-tomista en Norteamérica. **Salmanticensis**, n. 2, 1955, p. 90-102.

VAN ACKER, Leonardo. **O tomismo e o pensamento contemporâneo**. São Paulo: EDUSP, 1983.

VERGOTE, Antoine. **Modernidade e cristianismo**: interrogações e críticas recíprocas. São Paulo: Loyola, 2002.

VIA, V. La. La piú recente attività neo-scolastica in Italia. *In*: \_\_\_\_\_ . **Giornale critico della filosofia italiana**. [S.l.]: [s.n.], 1923, p. 231-271.

ZILLES, Urbano. A filosofia neotomista e sua influência no Brasil. *In*: \_\_\_\_\_ . **Grandes tendências da filosofia do século XX e sua influência no Brasil**. Caxias do Sul: EDUCS, 1987.

**Endereço para contato:**

E-mail: [ivanaldosantos@yahoo.com.br](mailto:ivanaldosantos@yahoo.com.br)